

4

O Curso Letras-LIBRAS: uma iniciativa de integração em um meio excludente

4.1

O curso Letras-LIBRAS

A UFSC e a UFRJ foram pioneiras na implementação da Internet no Brasil. Hoje, o pioneirismo e a capacidade empreendedora da UFSC se ratificam com o curso Letras-LIBRAS, que é uma iniciativa de extrema relevância social e histórica, haja vista ser uma ação concreta de educação voltada para a especificidade dos surdos. Isto certamente vai gerar resultados inimagináveis em poucos anos. Considero que esta seja a mais importante iniciativa política e educacional implantada no Brasil desde a tentativa de aniquilamento da cultura surda e do saber surdo pelo Congresso de Milão há dois séculos. Thoma (2006: p.102) afirma que parece que, ao se pensar uma formação, automaticamente se pensa numa mudança; que, ao falar em formação, espontaneamente se fala também numa mudança. E as mudanças virão de maneira definitiva, pois a formação de profissionais surdos em Letras vai possibilitar a esta população repensar a sua própria educação, agora sob a ótica da normalidade, subvertendo a lógica normalizante anterior que os classificava como anormais e passando a considerar as suas diferenças e especificidades como apenas mais uma das infinitas possibilidades da diversidade humana.

Segundo a definição do site do curso na UFSC, trata-se de um curso de licenciatura e bacharelado que tem o objetivo de formar professores para atuar no ensino da língua de sinais como primeira e segunda língua. Desenvolvido na modalidade a distância em rede nacional com nove pólos conforme já citados

anteriormente: INES/RJ, UNB, USP, UFAM, UFC, UFBA, UFSM, CEFET/GO. Segundo definição do próprio curso, o pólo é o espaço acessado pelos alunos quando entram no ambiente de aprendizagem. Dentro do espaço geral do seu pólo, o aluno acessa o espaço específico da sua turma, identificada por códigos, como por exemplo: Pólo CEFET/GO Lic 08, que representa a turma da Licenciatura LetrasLIBRAS 2008 do Pólo CEFET/GO.

Esse curso tem como público-alvo instrutores surdos de LIBRAS, surdos fluentes em língua de sinais – é priorizada a classificação dos instrutores surdos e surdos de acordo com o previsto no DECRETO 5626 - e ouvintes fluentes em língua de sinais que tenham concluído o ensino médio.

Priorizando os surdos e a sua língua, a língua de sinais brasileira, o curso Letras-LIBRAS os centraliza no discurso e na prática educacional. No ambiente acadêmico deste curso os surdos são então reposicionados na condição de normalidade e este novo posicionamento certamente promove, entre outras coisas, o aumento da auto-estima dos indivíduos e a aquisição da consciência de si como possível sujeito de seu próprio caminho; não mais um deficiente dependente dos ouvintes, apenas estes os "normais". Coletivamente, o resultado pode vir a ser a retomada da valorização da identidade surda e o fortalecimento da cultura surda e seus valores.

Primeiro curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-LIBRAS realizado no Brasil e pioneiro na modalidade a distância para surdos tem, nestes dois aspectos, a relevância ressaltada e a responsabilidade da rede de nove instituições educacionais, coordenada pela UFSC, nas etapas de planejamento e execução do curso de graduação.

Por tudo isso o curso Letras-LIBRAS é pioneiro e é relevante, mas depende também –e muito- de práticas do Design para o contínuo aperfeiçoamento das interfaces utilizadas na educação a distância, adequando-as visualmente à experiência visual de vida, que é uma característica que diferencia e define os surdos. Sendo um curso que utiliza a Internet como plataforma de base, é notória a sua função de transformar a Internet de um meio excludente a uma ferramenta de integração pois que, como visto anteriormente, ela exclui os surdos por ser majoritariamente composta de textos. Em contrapartida, possibilita a EAD¹⁰ e a

¹⁰ EAD – Educação a distância

conseqüente reversão do quadro de dependência dos ouvintes, que estes alunos vem tendo historicamente.

4.2

Proposta pedagógica e currículo

Para esse Curso, as situações de aprendizagem são organizadas para três modos de informação, isto é, os conteúdos e as atividades são apresentados e desenvolvidos em três formatos: material didático impresso; material didático on-line; material didático em DVD vídeo.

O Letras-LIBRAS, sendo na modalidade a distância, tem o seu processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, já que professores e alunos ficam separados fisicamente a maior parte do tempo, podendo interagir off-line ou on-line por meio de tecnologias de comunicação. A principal tecnologia que permite este tipo de proposta de estudo é a Internet.

A carga horária virtual do curso Letras-LIBRAS é de aproximadamente 70% da carga horária de cada disciplina, em que os alunos ficam na maioria do tempo on-line acessando o conteúdo das páginas e fazendo uso de ferramentas e equipamentos como web cam, programas de leitura de vídeos etc. para o cumprimento de atividades de observação, leitura, troca de experiências e saberes, gravação e/ou escrita de textos em LIBRAS e/ou português, envio de perguntas, respostas, observações, opiniões etc.

A carga horária presencial, de aproximadamente 30%, vem sendo realizada nos pólos e compreende:

- a) interação em videoconferência entre professores das disciplinas, professores tutores e alunos;
- b) encontro de estudos presenciais entre professores tutores e alunos para esclarecimentos de dúvidas e aprofundamento de questões;
- c) oficinas (PCC) e organização e acompanhamento de atividades de estágio supervisionado;
- d) exames: avaliações presenciais das disciplinas atendendo à legislação específica para EAD e à regulamentação da UFSC. Os exames são elaborados pelos professores, e aplicados pelos mesmos tutores nos

pólos regionais. As atividades são acordadas em cronograma geral definido pela coordenação geral do Curso, e em cronogramas locais acordados entre coordenadores de pólos, professores tutores e alunos, explicitados nos planos de ensino.

Os dados acima são oficiais, obtidos nas páginas do curso na Internet e, na minha opinião, servem apenas para nos proporcionar uma vaga idéia de como o curso funciona no dia-a-dia, ou seja, eles seriam a “ponta do iceberg” do que é o curso na íntegra. Considero que o curso Letras-LIBRAS seja, desde a sua concepção até a sua implementação, um exemplo raro de pioneirismo, coragem e inovação do ponto de vista histórico, educacional, político e social. Seria uma revolução na educação de surdos? A História vai nos definir isso. Por enquanto, me limito a considerar que para uma iniciativa como esta conseguir se concretizar e deixar de ser apenas um conjunto de idéias de um ou mais educadores visionários, certamente são necessários inúmeros e incomensuráveis esforços no sentido de vencer a inércia do que está estabelecido na educação há muitos séculos, principalmente do ponto de vista da consideração da diferença inerente ao surdo.

Penso que as pressões políticas reais que a equipe de trabalho deve sofrer no cotidiano, oriundas do imaginário e da ideologia ouvintista, não devem ser nem poucas nem brandas. Portanto, estou certo que estamos vivenciando um momento histórico da maior importância, no sentido de uma mudança social visando o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida de determinada camada da população. Este processo histórico se consolidou em 2001 com a oficialização da LIBRAS no Brasil que, como já visto anteriormente foi, acima de tudo, uma quebra de paradigmas importantíssima para a perspectiva de alavancamento de uma mudança real na educação dos surdos e sua conseqüente mudança de papel destes indivíduos na sociedade. Mas, como todo trabalho pioneiro que está apenas começando, entendo que ainda pode melhorar muito, para proporcionar um melhor aproveitamento escolar e acadêmico dos alunos surdos e o Design tem uma enorme possibilidade de contribuir para estas melhorias.

Thoma (2005: p.122) afirma que do ponto de vista sociológico, o paradigma das práticas de letramento escolarizado e dominante na sociedade moderna não pode mais ser mantido como única referência. Ora, a autora afirma (2005: p.145)

também que o letramento vai além da alfabetização, é diferente do simples ler e escrever porque consiste no entendimento do uso apropriado destas capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto impresso. Com base nisso é que acredito que somente através do Design baseado na consideração da diferença dos surdos é que esta e toda e qualquer outra iniciativa de educação deste povo pode ter um caráter -e resultados- de integração real, se forem repensados e resignificados todos os conceitos de formas de letramento, discursividade, argumentação e conteúdo temático.

Atualmente já existem softwares para traduzir do português para o braille¹¹, que funcionam em um digitalizador onde os textos em português são copiados e traduzidos para serem impressos em braile ou gravados em áudio, em formato mp3¹² ou similar. Isto tem possibilitado a transcrição de obras originariamente escritas apenas para os videntes, ajudando o processo de integração dos cegos na sociedade. Para o surdo, neste caso a transcrição seria mais complexa, pois a língua de sinais tem uma estrutura gramatical própria, mas quero com isto ilustrar que, com vontade e determinação, é possível criar os instrumentos que respeitem as diferenças e não segreguem a pessoa diferente.

Ao ler um artigo da cientista comportamental Patrícia Wright (2003) me deparei com a afirmação de que é preciso considerar, no mínimo, se uma informação está veiculada de forma legível, útil e agradável em um texto. Parte do trabalho de Wright está focado no seu interesse na importância de regras e componentes do Design que definem como a informação pode ajudar a se obter uma comunicação satisfatória entre organizações e o público em geral, tanto na informação veiculada de forma impressa quanto na eletrônica.

O artigo em questão se refere a bulas de medicamentos e, a todo momento, é enfatizada a importância da efetividade do texto da bula para que o laboratório possa alcançar o seu objetivo com este componente, que é o de conseguir fazer com que o usuário do medicamento faça uso correto do mesmo.

¹¹ Sistema de escrita e leitura tátil para cegos, consistindo em um conjunto de seis pontos em alto-relevo, que permitem 63 combinações diferentes para representar as letras do alfabeto, os acentos, a pontuação, os números, símbolos matemáticos e químicos e notas musicais.

¹² O **MP3** (*MPEG-1/2 Audio Layer 3*) é um formato de gravação digital de sons. Foi um dos primeiros tipos de compressão de áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano. O método de compressão com perdas empregado na compressão do MP3 consiste em retirar do áudio tudo aquilo que o ouvido humano normalmente não conseguiria perceber, devido a fenômenos de mascaramento de sons e de limitações da audição humana.

Apesar da especificidade das referências contidas no artigo, eu encontrei uma grande similaridade na relação do usuário de medicamentos que se depara com textos que lhe dificultam o uso apropriado dos mesmos e os alunos surdos da atualidade, diante de conteúdo programático escrito em língua portuguesa, que são textos que em grande medida acabam dificultando o processo de aprendizagem deste aluno. Portanto, considero que o papel do Design aplicado ao projeto do produto final é o mesmo nas diferentes circunstâncias, seja uma bula de um remédio ou um texto em português publicado em um livro ou interface de um curso para surdos.

Segundo Wright (2003), isso se dá de acordo com o que a autora classifica como sendo os três componentes que fazem de um texto uma ferramenta efetiva para uma comunicação satisfatória: a) legibilidade; b) usabilidade e c) agradabilidade.

a) Legibilidade – os critérios da legibilidade centram-se sobre o texto, procurando perceber a facilidade com que a mensagem pode ser compreendida. Wright (2003) afirma que os componentes principais de fórmulas da legibilidade são o comprimento da palavra e a extensão da sentença. Para ela, em geral as pessoas compreenderão palavras curtas mais facilmente do que palavras longas, e este conceito se revela ainda mais consistente no caso dos surdos que, como visto anteriormente, não tem domínio da língua portuguesa escrita. Portanto, considero importante que os textos transcritos e impressos nos cursos para surdos, especialmente os da modalidade a distância, devam ser compostos de palavras simples, com frases curtas, considerando que um aluno surdo adulto da atualidade não tem, em geral, um léxico muito extenso, ou seja, o seu repertório de palavras em português é limitado quantitativa e qualitativamente.

Concordo com Wright (2003) quando a autora demonstra que verificar o vocabulário de um texto pode exigir estratégias trabalhosas para alcançar resultados reais, porque pedir simplesmente às pessoas que leiam a informação e digam se a compreenderam normalmente não resulta em informação valiosa. As pessoas podem se sentir constrangidas, temendo parecer estúpidas ou ingênuas, se disserem que tem problemas de compreensão, então podem fingir que compreenderam. Com os surdos, esta é uma reação absolutamente recorrente, pois na minha vivência com este povo tenho constatado que eles evitam ao máximo

escrever e quando são inquiridos sobre o entendimento de um texto, se limitam a dizer que entenderam tudo e tratam de pedir exemplos ao seu interlocutor, numa estratégia de inversão de posições, pois não querem demonstrar que não entenderam o que foi lido e, desta maneira, podem construir as representações por meio dos exemplos citados e não pelo texto. Por outro lado, evitam escrever porque sabem que não o fazem de maneira gramaticalmente correta, e isto costuma ser, frequentemente, motivo de espanto e até mesmo de piadas e de todo tipo de comportamento hostil por parte dos ouvintes, que em geral dão grande importância à capacidade de alguém escrever corretamente, especialmente os indivíduos das camadas sociais mais abastadas. Talvez por isto, constato que quanto mais alta for a classe social em que a família de um surdo estiver inserida, maior vai ser a probabilidade deste ser oralizado, em detrimento de ser utente da língua de sinais.

b) Usabilidade – Wright (2003) diz que este componente diz respeito à facilidade com que as pessoas podem se referir às informações para responder a perguntas ou para seguir procedimentos. Os métodos da usabilidade podem mostrar se as pessoas tem problemas com o material utilizado, mas não podem detectar a informação que falta às pessoas. Se o teste da usabilidade é empreendido apenas em laboratório, as características cruciais do dia-a-dia podem ser negligenciadas. Por exemplo, uma medicação pode vir especificada que deve ser tomada no café da manhã, mas esta informação se refere a uma hora do dia ou a uma refeição? Se o usuário não toma café da manhã, então quando deve tomar a medicação? Este tipo de dúvida é mais recorrente quanto menor for o nível de letramento do indivíduo na língua em que o texto estiver escrito, o que se aplica perfeitamente aos surdos em relação ao português.

c) Agradabilidade – Para Wright (2003), a agradabilidade tem a ver com o comportamento das pessoas diante do texto que contém a informação, ou seja, se vão escolher ver as informações ou não. No caso de bulas de remédios e também de textos de estudo para surdos, mesmo se o material puder ser facilmente usado, o trabalho não é totalmente aproveitado se as pessoas não gostarem da sua aparência e, por causa disto, adiar a leitura. A agradabilidade considera o tom e a estética do original, o uso do espaço e a integração do texto e dos gráficos.

Em um estudo em escala reduzida (não-publicado), Wright (2003) constatou que os gráficos melhoraram a aparência de um folheto de cuidados médicos. Cinquenta e dois adultos leram um folheto sobre cuidados com o coração e usaram-no para responder a perguntas. Deram-no então notas acima de dez para a aparência. A metade dos folhetos trazia desenhos posicionados no alto da página. Estes folhetos receberam avaliações mais altas do que aqueles sem os desenhos. No entanto, um estudo subsequente, usando um folheto tratando de dores nas costas, mostrou que nem todos os gráficos ou desenhos são bem-vindos, particularmente aqueles que interrompem o fluxo do texto na página.

Em minha pesquisa de campo, alguns alunos foram bastante enfáticos ao afirmar a agradabilidade das interfaces do curso Letras-LIBRAS, tendo recebido depoimentos como os listados abaixo, que demonstram que neste aspecto as interfaces tem, em geral, um efeito bastante positivo sobre os alunos, o que pode gerar emoções e sentimentos positivos desejáveis:

- Eu gosto muito da forma como se abrem janelas e os índices drop-down, a organização dos textos, o seu conteúdo; gosto das cores achadas perfeitas para o tipo de percepção do surdo.
- Eu gosto do conteúdo que está no ambiente virtual e na forma como este está organizado, por matérias a serem estudadas, a forma como descem as janelas e os índices drop-down, dá pra estudar bem e acompanhar o desenvolvimento das matérias, acho que não tem nada ruim.
- Eu vejo o AVEA13 e acho tudo muito bem organizado, as cores são bonitas, tudo em tons de azul e branco. É tudo muito simples e organizado.

Esses depoimentos elogiosos dos alunos entrevistados se referem única e exclusivamente ao aspecto imagético das interfaces, sendo que toda e qualquer referência às interfaces que contem textos escritos em português são invariavelmente negativas, como os exemplos a seguir:

- Eu não gosto do Chat. Em contatos, a gente clica e... Não, apaga! É nas matérias. Quando clica na matéria, há a possibilidade de se conversar

¹³ Ambiente virtual do curso EAD Letras-LIBRAS

online. Essa interface não é boa, tem uma seqüência lateral estranha, a organização gráfica não me diz nada e eu nunca sei se o outro está online, deveria ter uma diferença de cores pra avisar se a outra pessoa está ou não online.

- Também não gosto de enviar e-mail para o professor ou tutor, é confuso e trabalhoso, há uma relação enorme de nomes de pessoas das quais a gente tem que escolher para quem quer enviar o e-mail. Isto poderia mudar.
- Eu não gosto do que está em português porque é muito difícil, são textos complexos e é muito difícil entender. Podia ser tudo traduzido para LIBRAS.
- Não gosto da organização gráfica dos e-mails. Há excesso de nomes, muitas caixas drop-down acho confuso. Também não gosto do excesso de e-mails, a maioria não tem a menor importância e perco muito tempo selecionando o que me interessa realmente.
- Eu acho muito difícil e problemática a forma como se abrem janelas, a organização dos textos, o seu conteúdo...

Visto isso, considero que os componentes legibilidade, usabilidade e agradabilidade me parecem ser de consideração quase obrigatória para os responsáveis pela implementação dos textos que servem de suporte ao conteúdo programático de cursos para surdos escritos em português. No entanto, paralelamente a estes pressupostos, estou convencido de que os textos escritos em português não cumprem o seu papel na íntegra junto aos alunos surdos de qualquer tipo de curso, especialmente os cursos na modalidade a distância, em que o aluno precisa ler uma quantidade ainda maior do que teria caso estudasse em um curso presencial, onde o cotidiano com o professor pode ajudá-lo em eventuais dúvidas relacionadas à leitura. Isto se aplica de forma ainda mais veemente no caso dos alunos surdos adultos da atualidade, que foram alfabetizados de acordo com uma pedagogia inapropriada e, como vimos, por causa disto tem todo tipo de sentimentos negativos em relação à escrita e à leitura, contribuindo de maneira importante para a falta de domínio da língua portuguesa escrita.

Creio que, sendo o curso Letras-LIBRAS voltado para a licenciatura e o bacharelado, e em língua de sinais brasileira, no mínimo a maioria dos alunos

deve ser de surdos, que são os maiores interessados em aprofundar os conhecimentos de sua língua. Portanto, um curso que tem a maioria de seus alunos pessoas com a característica de viverem uma experiência visual de vida, eu esperava que o mesmo fosse composto de interfaces mais imagéticas do que escritas no que acredito ser a segunda língua dos surdos, o português. Mas surpreendentemente, não foi o que encontrei.

Ao abrir a página inicial do curso Letras-LIBRAS14 encontrei setenta e seis palavras em português e quatorze imagens. Destas, três eram logomarcas (Governo do Brasil, Curso Letras-LIBRAS e UFSC), um vídeo com quatro botões de início, tocar, parar e pausar e, finalmente, seis símbolos de Sign Writing com as respectivas palavras em português à sua direita. Isto representa apenas quatorze por cento do conteúdo em representação imagética versus oitenta e seis por cento de conteúdo escrito em português, que os surdos não dominam.

Por ter sido estagiário neste curso, tenho acesso ao seu conteúdo programático. Ao acessar as interfaces das disciplinas, me deparei com um quadro ainda mais questionável a meu ver: nas seis páginas pesquisadas a ermo foram computados15 um total de quatorze imagens, sendo destas uma foto, quatro botões de avançar e retroceder e nove repetições das logomarcas do governo do

¹⁴ <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm> [capturado em 30/01/2009]. **Figura 1**

¹⁵ <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/hiperbook/popup.php?id=1564&chapterid=3> [capturado em 30/01/2009] de Introdução aos Estudos da Literatura, com 2 imagens (logomarca do governo do Brasil e da UFSC), 1 vídeo em LIBRAS do texto escrito em português, 143 palavras em português, nenhuma palavra em Sign Writing;

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm> [capturado em 30/01/2009]. **Figura 2**

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/assignment/index.php?id=95> [capturado em 30/01/2009] de Introdução aos estudos da literatura, com 1 imagem (logomarca do curso Letras-LIBRAS), 87 palavras em português, nenhuma palavra em Sign Writing; **Figura 3**

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/assignment/view.php?id=1441> [capturado em 30/01/2009] de Introdução aos estudos da literatura, com 3 imagens (logomarca do curso Letras-LIBRAS e dois botões de avançar e retroceder), 80 palavras em português, sendo 6 traduzidas para o Sign Writing mas que ficam invisíveis até que se passe o mouse sobre elas;

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/assignment/view.php?id=2620> [capturado em 30/01/2009] de Morfologia, com 3 imagens (logomarca do curso Letras-LIBRAS e dois botões de avançar e retroceder), 182 palavras em português, sendo 26 traduzidas para o Sign Writing mas que ficam invisíveis até que se passe o mouse sobre elas;

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/hiperbook/popup.php?id=1129> [capturado em 30/01/2009] de Tutorial do aluno, com 2 imagens (logomarcas do curso Letras-LIBRAS e da UFSC), 133 palavras em português, nenhuma palavra em Sign Writing;

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/hiperbook/popup.php?id=2181&chapterid=6> [capturado em 30/01/2009] de Fonética e Fonologia – Variação lingüística nos falares do Brasil, com 3 imagens (1 foto da professora autora do artigo e 2 logomarcas do curso Letras-LIBRAS e da UFSC), 412 palavras em português, nenhuma palavra em Sign Writing.

Brasil e do curso Letras-LIBRAS; um vídeo com o conteúdo programático em LIBRAS; um mil e trinta e sete palavras em português, sendo destas, apenas trinta e duas traduzidas para o Sign Writing e que ainda assim ficavam invisíveis e só apareciam quando se passava o mouse sobre elas. As estatísticas, portanto, no universo pesquisado, apontam para uma média de quatro por cento de conteúdo imagético para noventa e seis por cento de conteúdo em língua portuguesa que, repito, foi demonstrado anteriormente que os surdos não dominam e em geral não gostam. Felizmente, ao fazer a revisão deste texto para a entrega definitiva à PUC-Rio após ter passado pela banca examinadora, encontrei algumas das páginas citadas anteriormente com algumas modificações importantes, pois já foram encontradas mais palavras escritas em Sign Writing e mais imagens em videoclipes. Acredito que isto se deva ao desenvolvimento natural por que passam as instituições que estão atentas aos seus alunos e, neste caso, é algo bastante relevante do ponto de vista da verdadeira adequação deste curso de EAD aos seus alunos surdos. Espero que tais mudanças continuem acontecendo, rumo a uma interface mais amigável e realmente ajustada à experiência visual de vida dos surdos. Ressalto que as modificações aqui acrescentadas foram aprovadas pela orientadora da presente pesquisa.

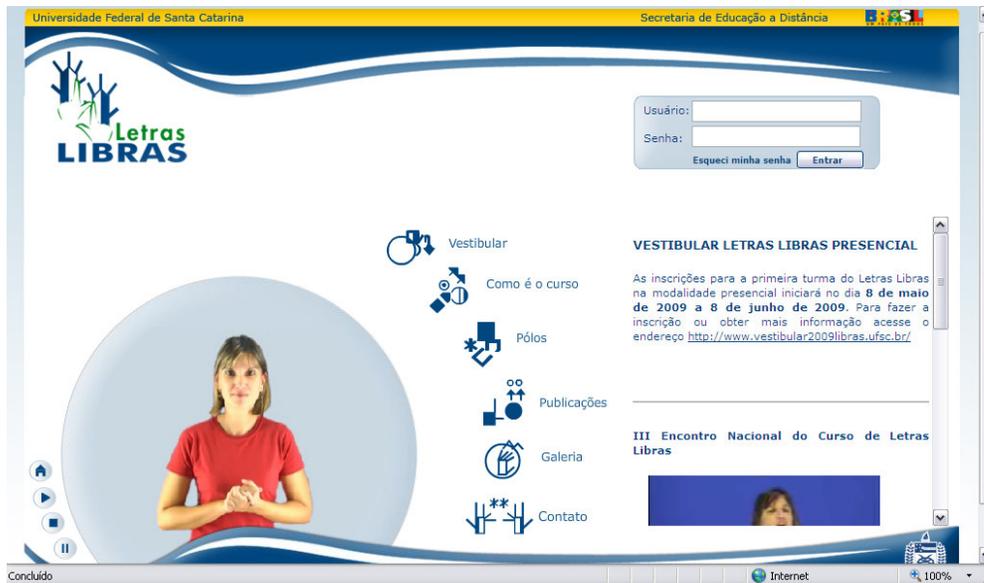


Figura 1 - Exemplo de página do curso de EAD Letras-Libras



Figura 2 - Exemplo de página do curso de EAD Letras-Libras



Figura 3 - Exemplo de página do curso de EAD Letras-Libras

Eu creio que um surdo, que é um sujeito que passa a vida toda, em geral, recebendo informações equivocadas do ponto de vista dos ouvintes de que ele tem um sentido a menos, de que ele é deficiente, de que ele é anormal, quando tem a atitude de se habilitar a estudar a sua língua mãe, a LIBRAS, está dando um grande passo para a construção de uma representação de si mesmo como um indivíduo melhor, mais íntegro, eficiente e capaz, portador de um drama pessoal interessante. No entanto, ao se deparar com as interfaces do curso onde ele vai estudar a LIBRAS, ainda encontra aproximadamente apenas quatro por cento de conteúdo imagético e o mesmo tanto de conteúdo em LIBRAS, e todo o resto em português escrito. Ora, acredito que este é um fato que possa ter um peso simbólico muito forte, pois aos olhos dos alunos surdos fica ratificado o discurso ouvintista de que a língua portuguesa é o que há de mais importante nos estudos. Por isto considero a relevância de se ter o conteúdo programático de cursos para surdos em língua de sinais, pois há que se considerar que conseguir resultados de comunicação bem sucedidos com alunos surdos, com todo este histórico pessoal relacionado às suas experiências com os estudos, vai além da característica de ser um texto legível, útil e agradável.

No entanto, em que pesem todas essas questões para o aluno surdo anteriormente levantadas, e suas conseqüências para o aproveitamento do curso, considero inquestionável a importância de cursos como o Letras-LIBRAS em uma perspectiva de um futuro promissor no que diz respeito ao protagonismo do surdo em seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem. Especialmente o curso Letras-LIBRAS da UFSC, que é o pioneiro nesse contexto, é de uma importância histórica, social e política que somente o futuro poderá mensurar, ao voltarmos a encontrar alunos surdos com prazer real em estudar, livre de medos e outros sentimentos ruins.

Em minha pesquisa de campo eu encontrei muitas amostras de reconhecimento dessa relevância do curso, manifestadas em depoimentos como os exemplos a seguir:

- Bem, eu sinto que o curso Letras-LIBRAS é muito importante, que no futuro eu vou me formar, ter uma graduação e ser professor...
- Eu sinto que o estudo no Letras-LIBRAS é adequado para os surdos, é muito melhor do que qualquer faculdade de ouvinte, onde a gente tem que ter intérprete para tudo e perde muita informação. No Letras-LIBRAS eu me sinto bem, gosto e quero continuar estudando.
- Acho que o Letras-LIBRAS vai ajudar muito os surdos, poderemos fazer um mestrado ou doutorado posteriormente e ensinar surdos na faculdade, mudar e melhorar a educação dos surdos.
- O curso Letras-LIBRAS é pioneiro no Brasil, antes não tinha nada parecido dedicado ao surdo e está sendo importantíssimo para ajudar a todos nós na troca de experiências e aquisição de conhecimentos, longe dos ouvintes e os seus preconceitos.
- Bem, eu sinto o curso Letras-LIBRAS apropriado ao surdo, é pioneiro e nos ajuda muito. Fico triste que os professores sejam ouvintes, mas no futuro, com os surdos se graduando, poderão cumprir esta função. Eu fico emocionado e feliz em perceber a importância do curso Letras-LIBRAS para os surdos, que terão um futuro melhor, de mais prosperidade...

No entanto, dessas manifestações, uma me chamou mais a atenção por fazer referência à escrita da língua de sinais:

- Eu espero que mais e mais surdos venham para o curso Letras-LIBRAS, quanto mais melhor, porque é preciso que se tenha estratégias de valorização da LIBRAS em detrimento da língua portuguesa, deixando essa para os ouvintes, e uma destas estratégias é o aprimoramento da escrita da LIBRAS, o Sign Writing, que ainda está sendo implantado, aprendido, e não sabemos se será realmente totalmente utilizado no futuro.

Juntamente com esse aluno, fico me perguntando: qual seria o grau de apreensão do conteúdo programático do curso pelos alunos surdos que não tem letramento em português? Por outro lado, imagino como seria proveitoso para este aluno se o conteúdo estivesse escrito todo em Sign Writing, a escrita da língua surda, caso este aluno dominasse esta forma de leitura e escrita.

Já demonstrei anteriormente que concordo com Thoma (2005: p.107) quando a autora afirma que devemos considerar, em um primeiro momento, que o surdo é usuário da língua portuguesa como segunda língua. Sua escrita é semelhante à escrita de estrangeiros aprendendo a língua portuguesa. Mas qual seria a solução para tornar os estudos uma atividade prazerosa para os surdos, envolvendo a leitura e a escrita pelos alunos, já que não é possível se ter em médio prazo todo o conteúdo de um curso de Letras em DVD vídeos? Acredito que p desta resposta esteja na aplicação da escrita intitulada Sign Writing.

4.3.

Sign Writing, a escrita da cultura surda

Desde a pré-história que os seres humanos procuram se comunicar por meio de inscrições gráficas. As primeiras experiências conhecidas datam de aproximadamente 30.000 anos antes de Cristo e eram desenhos rupestres, ou seja, feitos ou gravados nas paredes das cavernas. Foi por meio deste tipo de representação que os indivíduos conseguiram transmitir aos demais mensagens diversas representando medos, crenças, conquistas e necessidades individuais ou grupais. Contudo, ela ainda não era uma escrita como concebemos hoje, porque não estava organizada de forma sistemática, com alguma padronização e,

portanto, era feita de acordo com o que o sujeito autor daquele trabalho sentia e entendia como sendo possível de representar o que quisesse.

Foi somente por volta de 4.000 a.C. que os Sumérios, antigo povo que habitava a região atual do Iraque, antiga Mesopotâmia, desenvolveram a escrita chamada cuneiforme, na qual havia sinais que representavam idéias e objetos. Para gravar esta escrita, os Sumérios usavam placas de barro que foram importantíssimas para o atual conhecimento do desenvolvimento histórico e cultural daquela área, pois desta forma foram registradas crenças religiosas e o cotidiano do povo em relação a aspectos econômicos, administrativos e políticos.

Contemporânea à escrita cuneiforme dos sumérios foi a escrita hieroglífica dos egípcios, que também foi fundamental para o entendimento daquela cultura, já que foram feitos inúmeros registros sobre a vida cotidiana do povo e principalmente sobre a vida e feitos dos faraós, gravados nas paredes de templos, casas e especialmente de túmulos, inclusive os maiores e mais famosos deles, as pirâmides. Além de pintar as paredes, os egípcios também registravam sua cultura em sua língua, gravando registros escritos em relevos sobre pedras diversas, assim como escreviam em uma espécie de papel chamada papiro, que era produzida por meio do processamento da planta de mesmo nome.

A escrita evoluiu ao longo dos tempos e passou por inúmeras modificações e aprimoramentos, até que por volta de 2.000 a.C. os povos habitantes da atual Síria e Palestina, no Oriente Médio, simplificaram a escrita cuneiforme dos sumérios e hieroglífica dos egípcios, criando pouco mais de vinte signos para representar os sons da fala que, reunidos, formavam as primeiras palavras parecidas com as que hoje temos sistematizadas. Esta sistematização é conhecida como alfabeto, que é uma palavra originada a partir das duas primeiras letras da língua grega: alfa e beta, porque inspirou a formação e consolidação do alfabeto grego a partir do século 4 a.C. Desde então, ele se disseminou por toda a Europa e posteriormente por todo o mundo ocidental.

A escrita é uma das mais relevantes invenções da humanidade, pois é a mais importante forma de resguardo dos valores de uma cultura, responsável pela preservação e divulgação de todo o conhecimento humano. Quando estou lendo e estudando a respeito do povo surdo sempre me ocorre uma questão: como terá sido o desenvolvimento da cultura surda ao longo dos tempos?

Tudo o que já li sobre os surdos e sua cultura, está escrito nas línguas dos ouvintes que, de um certo ponto de vista em uma relação de opressor versus oprimido, podem ser classificados como verdadeiros antagonistas dos surdos. Então, me ocorre outra questão: até que ponto o registro do desenvolvimento dos surdos está de acordo com o que eles realmente pensam, agem ou sentem?

Atualmente, com as novas tecnologias como o computador, o livro eletrônico e a Internet, vivemos um período de transição onde uma grande transformação se anuncia na relação do leitor com a leitura e a escrita. O teclado dos computadores certamente é, hoje, a principal ferramenta utilizada para a escrita em muitos grupos sociais, destronando as diversas formas de lápis e caneta existentes, que foram instrumentos que reinaram absolutos durante vários séculos para este fim. Por conta disto, a leitura passa atualmente por um processo profundo de ampliação das formas de percepção da escrita, já que os seus suportes são tão variados quanto os seus conteúdos.

Dentre essas diversas formas de escrita, surgiu na década de 1970 o chamado Sign Writing, que é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais e expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Até então, a única forma de registro das línguas de sinais era o registro em vídeos, registro este que continua sendo uma forma valiosa para a comunidade surda especialmente com o barateamento do custo das câmeras digitais e meios magnéticos de armazenagem de dados. Mas por ser tão antiga e importante na história da humanidade, a escrita se transformou em um verdadeiro arquétipo, e dificilmente poderá ser substituída por registros digitais em vídeo e ainda assim surtir o mesmo efeito sobre os povos.

Quadros (2009) afirma que foi Valerie Sutton, em 1974, quem criou um sistema para escrever danças e despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. Portanto, na Dinamarca foi registrada a primeira página de uma longa história: a criação de um sistema de escrita de línguas de sinais. Conforme os registros feitos por Valerie Sutton na homepage do Sign Writing,¹⁶ em 1974 a Universidade de Copenhague solicitou a Sutton que registrasse os sinais gravados em vídeo cassete. As primeiras formas foram inspiradas no sistema escrito de

16 - <http://www.Sign Writing.org>

danças e, posteriormente, caracterizou um período de transição de Dancewriting para Sign Writing, isto é, da escrita de danças para a escrita de sinais das línguas de sinais.

Em 1977, o Dr. Judy Shepard-Kegl organizou o primeiro workshop sobre Sign Writing nos Estados Unidos e, neste mesmo ano, o primeiro grupo de surdos adultos a aprender o sistema foi um grupo do Teatro Nacional de Surdos em Connecticut. A primeira história escrita em Sign Writing foi publicada: Cachinhos dourados e os três ursos¹⁷. Em 1978, as primeiras lições em vídeo foram editadas e em 1979, Valerie Sutton trabalhou com uma equipe do Instituto Técnico Nacional para Surdos em Rochester, prestando assistência na elaboração de uma série de livretos chamados Manuais Técnicos de Sinais¹⁸, que usaram ilustrações em Sign Writing.

Ainda segundo Quadros (2009), na década de 1980, outra página da história começou a ser escrita quando Valerie Sutton apresentou um trabalho no Simpósio Nacional em Pesquisa e Ensino da Língua de Sinais intitulado “Uma forma de analisar a Língua de Sinais Americana e qualquer outra língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada”. Depois disto, o Sign Writing começou a se desenvolver mais e mais. De um sistema escrito à mão livre passou-se a um sistema possível de ser escrito no computador e o primeiro jornal foi escrito à mão nos anos 1980, assim como os monges escreviam antes da existência da imprensa.

Hoje em dia, o sistema de escrita de sinais não tem mais a mesma forma que o sistema criado em 1974, pois evoluiu muito ao longo dos anos e a sua evolução apresenta características evolutivas semelhantes, em alguns aspectos, às das demais formas de escrita.

O fato de o sistema Sign Writing representar unidades gestuais e não unidades lingüísticas faz com que ele possa ser aplicado a qualquer língua de sinais, e não apenas à língua americana de sinais (ASL¹⁹) para a qual foi inicialmente desenvolvido. Atualmente ele é aplicado a muitas outras línguas de sinais, principalmente nos países nórdicos.

Stumpf (2005) define que o Sign Writing é calcado em três estruturas básicas: a) posição de mão; b) contato e c) movimento. Portanto, são

17 - Goldilocks and the three bears

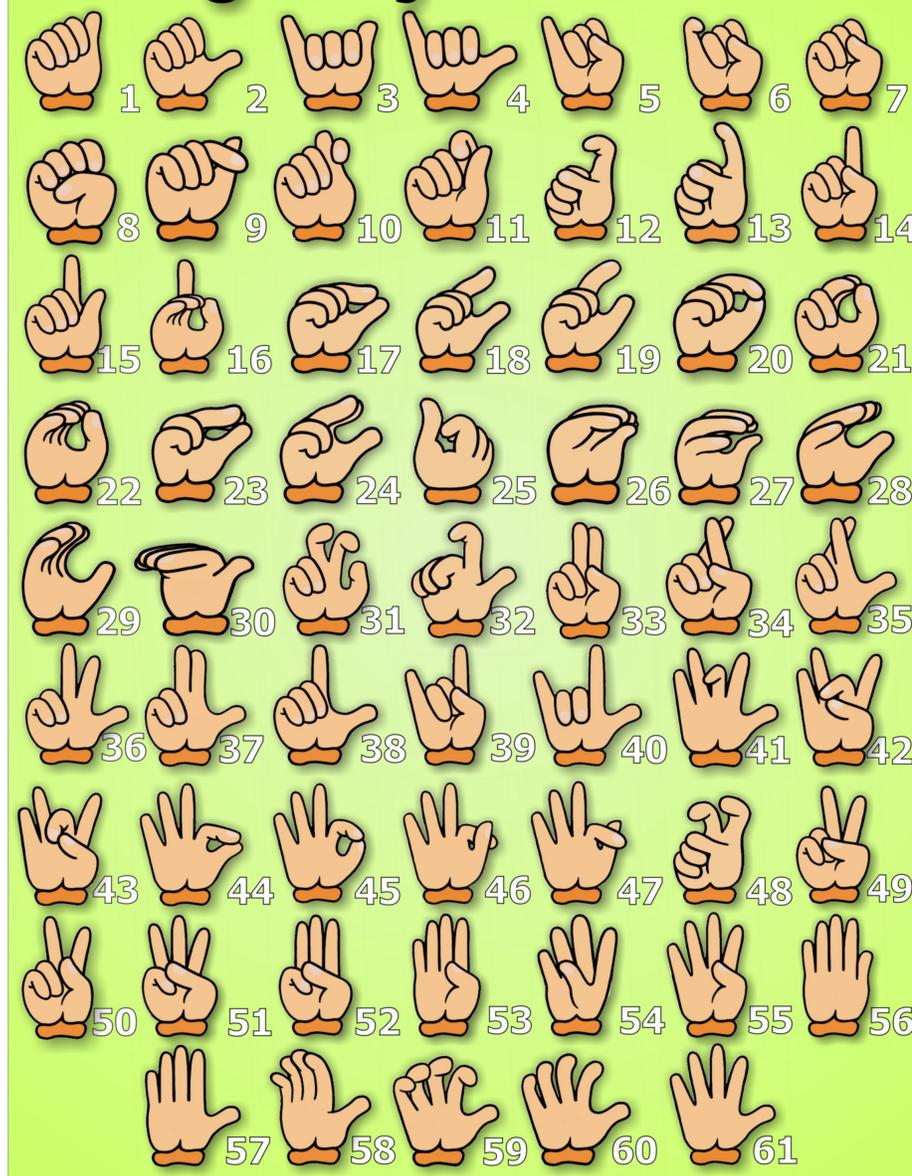
18 - The Technical Signs Manual

19 - American Sign Language

representadas as configurações de mão e as suas respectivas posições em relação ao sinalizador, assim como o tipo de movimento.

Configuração de mão é um dos parâmetros gramaticais das línguas de sinais (do Brasil e as dos demais países), ou seja: é através dela(s) que os sinais são produzidos e passam a fazer sentido juntamente com outros parâmetros, como a orientação, direção, ponto de articulação etc. Por exemplo: a configuração nº 1 mostrada na Figura 7 é utilizada para sinalizar a letra "A", mas também serve para sinalizar o equivalente, em português, a "arrependimento" ou "saudade" ou, ainda "junto", dependendo dos outros parâmetros dos sinais. Assim, a configuração nº 1 significa "arrependimento" quando tem o ponto de articulação na testa, movimento reto, direção entre o corpo e o espaço e sentido de fora para o corpo e significará "saudade" se tiver o ponto de articulação no peito, movimento circular, direção na frente do corpo e sentido horário.

Configurações de Mãos



LSB - LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA LTDA.
Largo São Francisco de Paula 26 sala 1221 Centro - Rio de Janeiro RJ 20051-070
CNPJ 03609448/0001-03 - e-mail LSB@LSBVideo.com.br - www.LSBVideo.com.br - telefax (0xx21) 2224-2927

Figura 4 – Configurações de mão da LIBRAS

As citadas estruturas básicas são:

a) Posição de Mão: as configurações básicas são mão fechada, circular aberta e a mão pode estar paralela ou perpendicular ao chão. O Sign Writing define dez configurações básicas de mão que são agrupadas de acordo com os dedos (quantidade e configuração) que são usados. Cada grupo possui um símbolo que o identifica e estes formam uma seqüência de variações do símbolo inicial. A figura 1 ilustra algumas configurações de mão e suas respectivas representações abaixo estão dispostas com a palma da mão voltada para o enunciador. Quando a mão estiver de lado, metade da representação é pintada de preto e a outra de branco e quando a palma está de costas, é toda preta. A figura 2 apresenta algumas variações de posição e seus símbolos.

b) Contato: existem seis formas de representar o contato dos elementos que compõe o sinal, seja mão com mão, mão com corpo, mão com cabeça. São eles: tocar, pegar, bater, esfregar, escovar e entre dois elementos. A figura 3 ilustra alguns destes contatos.

c) Movimentos: podem ser classificados em duas categorias: movimento de dedos e de mãos.

Representação no Sign Writing	Configuração de Mão
	
	
	

Figura 5 – Exemplo de representação de configurações de mãos em Sign Writing

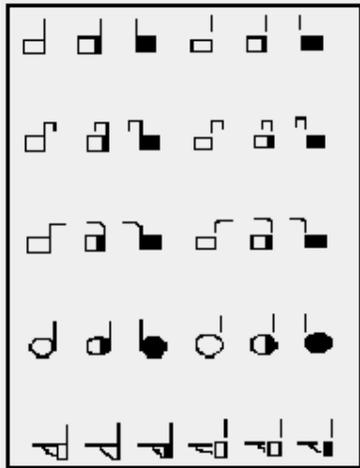


Figura 6 – Exemplo de representação das variações de posição em Sign Writing

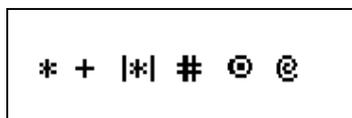


Figura 7 – Representações de contato em Sign Writing

Um primeiro contato com esse tipo de escrita certamente deixa o leitor com sentimento de estranhamento diante de representações tão diferentes quanto desconhecidas, seja este leitor surdo ou ouvinte, já que estamos absolutamente envolvidos somente com a escrita alfabética no ocidente. Mas Quadros (2009) afirma que, através do computador, o Sign Writing começou a se tornar muito mais popular nos Estados Unidos e atualmente começa a ser difundido no Brasil, e eu acredito que este sistema vá avançar cada vez mais, especialmente com o desenvolvimento de novas tecnologias, como por exemplo o editor de textos denominado SWEdit20, que é próprio para a edição de textos em línguas de sinais, baseado no sistema Sign Writing. Com este editor, o usuário consegue incluir textos, figuras e imagens dentro das funcionalidades do já consagrado modelo de usabilidade dos sistemas operacionais Windows, Linux e Mac, permitindo a interação entre diferentes programas, e com armazenamento em

20 http://ppginf.ucpel.tche.br/gracaliz/arquivos-download/Papers/2002/paper2002_14.pdf
[capturado em 31/01/2009]

formato próprio. A característica dos surdos de terem grande capacidade de interpretação visual é facilitada pela interface desse editor de textos, sendo que os usuários não precisam fazer uso da língua oral escrita para escrever em Sign Writing. Este é apenas um exemplo dentre inúmeras iniciativas neste sentido, que já são encontradas na Internet, inclusive com distribuição gratuita.

Portanto, acredito que o que é preciso para a consolidação da escrita de sinais é existir suficiente vontade política e postura ideológica coerente com as diferenças e especificidades dos surdos para a implementação de ações afirmativas que incrementem este processo, isto é, é necessário haver a convicção dos educadores a respeito da importância do desenvolvimento da escrita nos sujeitos, mas não só isto, pois é preciso que este desenvolvimento seja na mesma modalidade de compreensão e construção do pensamento, ou seja, no caso dos surdos, que escrevam em língua de sinais, até mesmo para os prepararem para o aprendizado da escrita de outras línguas, mas já tendo estruturada este tipo de cognição e experiência.

Por tudo isso, estou de acordo com Stumpf (2005) quando a autora afirma que o sistema Sign Writing pode servir de suporte a uma nova proposta pedagógica ao ensino da escrita de língua de sinais e letramento para crianças surdas usuárias da LIBRAS e eu acredito que este aprendizado deva ser estendido aos alunos surdos adultos também, como auxiliar no processo de ressignificação do seu drama pessoal em algo interessante, que seria um primeiro passo para a libertação do discurso colonial ouvintista ao qual estão presos. Para a autora, é por meio do uso destes códigos próprios que os surdos tem a possibilidade de construir a própria escrita conforme o seu modo de sinalizar, que é a expressão linguística do seu eu e, além do mais, concordo com ela quando afirma que escrever deve ser uma atividade significativa para o surdo e que isto é possível por meio da escrita fundamentada em sua competência na língua de sinais, sem precisar da intermediação da língua oral. As suas experiências com as crianças surdas, neste sentido, mostraram produções mais sofisticadas do que em português.

As conclusões de Stumpf (2005) indicam que a escrita de língua de sinais incorporada à educação das crianças surdas pode significar um avanço significativo na consolidação de uma educação bilíngüe, onde eu acrescento que neste caso a língua de sinais ocuparia um lugar prioritário no processo de

desenvolvimento e aprendizagem, em detrimento da escrita de outras línguas de outra modalidade. A autora também alerta para a ajuda na evolução das línguas de sinais em geral e aponta para a possibilidade de novas abordagens ao ensino da língua oral como segunda língua. Eu considero que isto tudo seja fundamental para que se consolide o processo de libertação dos surdos do discurso colonial ouvintista e os coloque definitivamente em uma posição de protagonismo em relação à sua própria história, pois acredito que somente desta forma será possível uma interface de um curso à distância pela Internet voltada a alunos surdos conseguir chegar perto da forma ideal para os mesmos, do ponto de vista da legibilidade, usabilidade e agradabilidade dos textos que a compõem e, assim, provocar emoções e sentimentos positivos nestes indivíduos que passarão a considerar o seu drama pessoal algo interessante em sua busca pelo conhecimento humano como uma sucessão de conquistas e não mais como uma mera questão utilitarista.